FRANCISCO FERREIRA
BARRETO

INSPIRAÇÕES
DE DAVID

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

P
7463

INSPIRAÇÕES

DE

DAVID.

PARAPHRASES

DO PSALMO L. MISERERE MEI DEUS, E DE ALGUNS PSALMOS MAIS, EM VERSO PORTUGUEZ, E ILLUSTRAÇÕES AO MESMO PSALMO MISERERE.

POR

Francisco Ferreira Barreto,

Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, e da de Christo, Prégador da Imperial Capella, Examinador synodal do Bispado de Pernambuco, Adjunto da Associação da Fé no mesmo Bispado, Director do Lycêo Pernambucano, Deputado á Assembléa provincial, e Parocho collado na Igreja Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife.

PERNAMBUCO.

TYP. IMP. DE L. I. R. ROMA.

1844.

Ao Ex.mo e R.mo Snr.

DOM THOMAZ DE NORONHA,

Bispo Resignatario de Olinda,

DEDICATORIA.

Estro inculto, acanhado,
A montanha profetica visita:
De Sião se arremeça,
Poisa no alcaçar da virtude augusta,
E ao Pontifice egregio,
Que foi de Olinda exemplo,
Inclina a fronte, em jubilo banhado,
Grato, curva o joelho,
Beija-lhe as sacras, venerandas vestes,
E, no Luso idioma
(Dedilhando o Psalterio)
Do vate de Israel lhe offerta o canto.

DISCURSO PREVIO.

DISCURSO PREVIO.

As commoções politicas da minha Patria fizerão, que eu emigrasse para Lisboa, aonde me achei em Abril de 1832. Portugal era então o teathro de uma guerra assoladora, entretida pelos dous Principes da Caza de Bragança, e a este espectaculo terrivel, veio, bem depressa, unir-se outro, muito mais assustador, e doloroso.

A *cholera morbus*, que devastava a Russia, a Prussia, a Alemanha, a França, e a Inglaterra, devastou finalmente Portugal de um modo inexplicavel. Na Capital de um Reino florente, e populoso, cujos habitantes, em seu tumulto, e agitação diaria, parecião as ondas de um mar vasto, e fluctuante, achei-me de repente, e como por encanto, no meio do silencio dos tumulos. Diante

da ira de Deus tudo era mudo, como o marmore. Olhei, e só vi lagrimas, e a morte : vi a libertinagem tremula, e o seu orgulho humilhado. O Anjo Exterminador tinha descarregado o seu braço, e a destruição marchava obediente de familia em familia. A morte devorava as suas victimas com a presteza do raio, e para o dizer com a bella expressão de um dos Oradores Portuguezes : Gerações, quasi inteiras, desapparecião n'um momento, como as folhas sêccas de uma arvore, que se precipitão, e se somem, ao abalo, e redomoinho dos ventos. Procissões de cadaveres surgião de todos os lados, e se encontravão umas com as outras. Os Cemiterios erão poucos, e quasi não bastavão os campos. Os Personagens mais illustres, por seu nascimento, e que contavão nos Templos sumptuosos da Côrte, Mausoleos soberbos, carregados de inscripções, erguidos á memoria de seus antepassados, tinhão no êrmo, e solitario campo de Ourique a mesma sepultura, que se dava ao mendigo. E-

ra no calor das contestações, e dos partidos, e uma só habitação continha, e estreitava os homens de todas as opiniões. Paràrão as solemnidades, emmudecerão os campanarios, e só se escutava nas Igrejas o som pausado, e monotono das preces, que os Sacerdotes enviavão ao Céo pela saude publica.

Nesta angustia, nesta dissolução geral, rompia um grito de dor, e ouvia-se algumas vezes, ao tranzitar pelas ruas de Lisboa — Donde veio uma tal enfermidade! .... Tudo vai ficando dezerto! .... Pois Deus não está satisfeito? .... — E Deus não lhes respondia, senão por novos golpes, e por novas desgraças. Erão os dias da pompa, e dos triumfos da morte.

Ferido, e atterrado, voltei meu coração para aquelle, que é todo misericordia, e principiando, em verso, a traducção do Psalmo *Miserere*, não a pude ultimar, porque um dia, depois de a ter começado (a 14 de Junho daquelle anno) fui comprehendido no numero dos castigados pela Justiça Divina;

achei-me no rol dos moribundos ; e esti-proximo para subir ao Juizo de Deus : mas eu o invoquei nos instantes da minha tribulação, e elle se dignou de salvar-me. Restituido depois à Pernambuco, minha Patria, completei esta Paraphrase, em que se não encontrão os atavios poeticos, nem o adorno d'Arte. As composições deste genero exigem simplicidade, e sentimento, que forão sempre a linguagem do coração. O enthusiasmo da humildade, e da ternura, consiste em movimentos brandos, nas paixões doces, e suaves, que dão um caracter sublime à expressão, sem a confundir com o tumulto, e violencia das producções do orgulho.

Escolhi, de proposito, a metrificação mais popular para a primeira traducção, e trabalhei, especialmente nella, para que não fosse tão afastado, e redundante, como alguns ; e approveitando-me da opportunidade, juntei com as versões do *Miserere* as de alguns outros Psalmos, que havia traduzido.

QUADRO POETICO.

O MOTIVO HISTORICO

DO

PSALMO CINCOENTA.

(QUADRO POETICO)

David descobrio do terraço do seu Palacio uma mulher extremamente linda, que se banhava, sem presumir, que a vissem. O Monarcha de Israel com um olho ávido, lhe devora os encantos, nesses momentos, em que o pudor desapercebido não toma precauções, nem reservas.

Inquieto depois por esta scena imprevista, que revolve suas paixões, fervendo em pensamentos, e desejos, elle ordena, que se inquira averiguadamente, quem seja este objecto amavel. « He Bethsabéa (lhe dizem já de volta « os seus messageiros) Bethsabéa, filha « de Elião, e esposa de Urias Hetheo ».

A palavra *esposa* deve murchar as esperanças no coração do Rei, assim co-

mo o nome de *Urias* lhe recorda promptamente um bravo do seu exercito, postado no sitio de Rabba, contra os Ammonitas. A paixaõ repelle estas idéas, que a sanctidade do Decalogo, e o reconhecimento tinhaõ feito nascer, e o Rei só se lembrou, de que era homem.

A formozura foi introduzida, furtivamente, nos Paços do Senhor da Judéa. O thalamo nupcial foi manchado. Um fructo criminoso deste amor execrando vem revelar aos Póvos o attentado do seu Principe.

O Monarcha procura entaõ palliar o seu crime, mas naõ lhe surtindo effeito os seus subterfugios, resolve unir o homecidio ao adulterio. O consorte illudido, e infeliz, é mandado collocar no ponto mais arriscado do combate, e entregue com os seus irmaõs d'Armas, ao furor dos contrarios. Cortado pelo ferro inimigo, Urias purpurêa a terra com o seu sangue, braceja com a morte, e espira, cheio de valor, pugnando pela Patria, victima de um Principe,

que o tem trahido duas vezes, e longe dos encantos de uma joven esposa, que elle idolatra, e que julga fiel.

David goza entaõ do ensanguentado prazer da sua impudicicia, e a belleza, arrancada do leito conjugal, vem ainda augmentar o esplendor de um Throno, cercado de victorias. Bethsabéa foi esposa do Rei.

Mas o Céo naõ podia ser surdo ao grito da innocencia ultrajada, e moribunda. O Espirito de Deus agita o Propheta Nathan. Este homem de virtude estremece com as revelações, que o Céo lhe faz de tanta iniquidade. Sua imaginaçaõ terrivel he abrazada pelo zêlo, e se torna rica dos flagellos, que elle vai desfexar em borbutaõ sobre a caza de Judá. O sôpro do Senhor o arremeça com a velocidade do raio pelos salões adulteros do Monarcha homicida. Elle atravessa soberbas ordens de columnas, penetra emfim até o Throno, e se colloca defronte do delinquente Real. O semblante respeituoso do Propheta conserva alguma couza de formidavel, e

a sua longa barba augmenta a venerabilidade do seu rosto. Tranquillo, e cheio de segurança, elle surprehende por este porte grave, e desassombrado, que só pode ter a virtude, quando reprehende o crime.

Elle começa por uma Parabola simples, mas energica Sua vóz he pezada, e tem o accento da melancolia.

« Havia em uma cidade dous ho-
« mens (disse elle, depois de alguns
« instantes de silencio) um era rico,
« outro pobre. O rico tinha grandes
« manadas, rebanhos numerosos, e via
« os valles, e o cume das montanhas
« branquejando com as suas ovelhas, á
« semelhança dos campos com os flocos
« da neve nas manhãs invernosas O
« pobre nada mais possuia, do que
« uma ovelhinha, que elle havia com-
« prado; que elle creára; que tinha
« crescido em sua caza juntamente com
« seus filhos; que comia do seu paõ;
« que bebia pelo seu mesmo copo; dor-
« mia em seu mesmo regaço; e era pa-
« ra elle como filha. Um viajante veio

« ver o rico, mas este naõ quiz tocar « em uma só das suas ovelhas, para lhe « fazer hospedagem : arrancou a ove- « lhinha do pobre, e banqueteou com « ella o estrangeiro, que veio a sua ca- « za. » O Rei, sem se poder conter, sólta um grito de indignaçaõ, e interrompe o Propheta « Juro pelo Senhor, (diz Da- « vid) que um homem tal é digno de « morte, e terá de pagar o quadruplo, « pela injustiça, que fez ao desgraçado. »

Aqui a colera do Ceo inflamou o rosto do homem de Deus. O sobrolho do Propheta se enruga, e os seus olhos fuzilaõ, como o relampago : sua voz, até ali compassada, mudou-se de repente, e as ameaças se precipitarão dos seus labios n'um som terrivel, como uma torrente, que se despenha do alto, e que se quebra, fervendo, sobre grandes lagedos : as abobadas do Palacio criminoso retumbão, e parece, que se esboroão sobre a terra.

« Pois tu és este homem (trovejou o « Propheta). Escuta o que te diz o Se- « nhor Deus de Israel.

« Ungi-te Rei; livrei-te de Saul; dei-
« te a sua mesma caza; entreguei-te
« suas mulheres; constitui-te na pos-
« sessão de Israel, e de Judá, e obraria
« prodigios mais espantosos, se isto fos-
« se pouco. Ah!... E porque des-
« presaste tu minhas palavras? Por-
« que commetteste o mal diante de meus
« olhos? Porque fizeste Urias perecer
« aos golpes do ferro? Porque tomaste,
« por esposa, a que era sua? Porque o
« assasinaste, e com a mesma espada
« dos filhos de Ammon? Ouve-me. O
« sangue, e a destruição serão insepa-
« raveis do teu mesmo Palacio. Meus
« vingadores hão de rebentar da tua fa-
« milia. Tomarei tuas mulheres, e as
« entregarei a tua vista á um, que te é
« bem proximo. A tua deshonra se ha
« de ver aos olhos deste sol. Tu perpe-
« traste o delicto nos escondrijos, e nas
« trevas, mas eu te farei tudo isto á vis-
« ta de Israel em pêzo, na claridade, e
« nas torrentes desta luz, que cerca os
« teus vassalos. »

Palido, e atalhado por um torpor de

morte, parecendo-lhe, que a terra se abre de baixo dos seus pés, frio, e gelado, como o marmore, David disse á Nathan « Pequei contra o Senhor ». Torna-lhe então o Propheta « Elle transferio o teu peccado, e tu não morrerás : perecerá porem aquelle, que veio ao mundo por causa do teu delicto » Disse, e ausentou-se.

David conheceu profundamente a enormidade da sua culpa, e a contrição espremeu dos seus olhos lagrimas abundantes. Separado, e recluso no mais recondito do seu Palacio, lançado sobre a terra, envolto no pó, coberta a sua cabeça com a cinza, vendo correr os seus dias, abrolhados de angustias, na penitencia, e no jejum ; parece-lhe, a cada instante, que a sombra ensanguentada de Urias volteja diante dos seus olhos.

Em um desses momentos, em que o seu coração era mais vivamente delido pela dôr, elle ergue o seu rosto, unido com o pavimento, levanta-se, toma em suas mãos convulsas a harpa, que ja-

zia no silencio, e no desprêso, fita, como n'um extasis, os seus olhos no Céo, ensaia ligeiramente seus dedos sobre as cordas, tira os primeiros sons, e n'um transporte da mais expressiva ternura, rompe, debulhado em lagrimas, n'um cantico doce, sentimental, e repassado de melancolia. Sua sensibilidade se exalta mais, e mais, suas paixões estão em movimento, e a flexibilidade dos seus sons exprime o tumulto de sua alma, agitada pela contrição. Elle implora a misericordia daquelle, que é a bondade por essencia. Deus acolheu o seu Psalmo, e os ultimos accentos da sua harpa, ainda retinem brandamente na abobada celeste.

PARAPHRASE PRIMEIRA.

PSALMO L.

Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.

Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam.

Amplius lava me abiniquitate mea, et a peccato meo munda me.

Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.

PARAPHRASE PRIMEIRA.

Tem compaixão, ó meo Deus!
De mim, que és Pai de concordia,
Segundo a tua taõ facil,
Taõ grande misericordia.

E segundo a multidão
Dos teus dons, das graças tuas,
Meu mal, minha iniquidade,
Eu te rogo, que destruas.

Lava-me cada vez mais
Da iniquidade horrorosa:
De todo me purifica
Da minha culpa odiosa.

Meus erros emfim conheço,
Eu me julgo delinquente,
E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

Tibi soli peccavi et malum coram te feci, ut justificeris in sermonibus tuis et vincas, cum judicaris.

Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum et in peccatis concepit me mater mea.

Ecce enim veritatem dilexisti : incerta et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi.

Asperges me hyssopo et mundabor : lavabis me et super nivem de albabor.

Eu pequei contra ti só,
Fiz mal na presença tua,
Hei de fiel confessa-lo,
Se houver alguem, que te argua.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles, que te julgaõ,
Victorioso sahires.

Sou réo, mas bem vês, que eu fui
No horror da culpa gerado;
Que minha Mãi criminosa
Me concebeo no peccado.

Inda assim, tu, que a verdade
Justo, e fiel sempre amaste;
Tu, da sapiencia tua,
Os arcanos me ensinaste.

Farás aspersaõ co' o hyssopo,
Serei puro n'um instante;
Lavar-me-has, do que a neve,
Me tornarei mais brilhante.

Auditui meo dabis gaudium et lætitiam: et exultabunt ossa humiliata.

Averte faciem tuam à peccatis meis: et omnes iniquitates meas dele.

Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.

Ne projicias me â facie tua et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.

Redde mihi lætitiam salutaris tui et spiritu principali confirma me.

De gosto, e de regozijo
O meu ouvido has de encher,
E os meus ossos humilhados
Exultaráõ de prazer.

Aparta teu rosto santo
Dos crimes, com que te aggravo,
E extingue as iniquidades,
Das quaes me tornarei escravo.

Cria, ó Deos, dentro de mim,
Casto, e puro, um coraçaõ,
Renova em minhas entranhas
O esp'rito de rectidaõ.

Naõ me lances, naõ me affastes
Do teu semblante, Senhor!
Nem da minha alma retires
Teu espirito de amor.

Da tua doce assistencia
A alegria em mim derrama,
E nas graças principaes
Me fortifica, e me inflamma.

Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.

Libera me de sanguinibus Deus, Deus salutis meæ: et exultabit lingua mea justitiam tuam.

Domine, labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam.

Quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique: holocaustis non delectaberis.

Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.

Ensinarei aos iniquos
Teus caminhos, que me encantaõ,
E a ti se converteráõ
Os impios, que a terra espantaõ.

Deus, ó Deus, meu Salvador!
Dos homicidios me exime,
Celebrará minha lingoa
Tua justiça sublime.

Senhor! abrirás meus labios,,
Exhalaráõ doces hymnos,
Annunciando entre os Póvos
Os teus louvores divinos.

Se hum sacrificio quizesses,
O hiria prompto off'recer,
Porem sei, que os holocaustos
Já te naõ causaõ prazer.

He para Deus digna offrenda
O espirito atribulado:
Hum coraçaõ não desprezas
Puro, contricto, humilhado.

Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion: ut ædificentur muri Jerusalem.

Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes et holocausta: tunc imponent super altare tuum vitulos.

Trata, Senhor, brandamente,
E com ternura a Siaõ:
As muralhas de Solima
Edificadas serão.

Entaõ has de receber,
Da humana prole submissa,
Hum sincero sacrificio,
Sacrificio de justiça.

Entaõ holocaustos mil,
E oblações has de acceitar:
Entaõ mil tenros novilhos
Se hão de pôr no teu Altar.

PARAPHRASE SEGUNDA.

SEGUNDA PARAPHRASE.

Compaixão, oh! meu Deus! de mim piedade,
Tão conforme á grandeza,
Com que mesmo, inda aos máos, Senhor! trans-
Essa misericordia sem limites! mites

E segundo a extensão das graças tuas,
Eu te rógo, que apagues,
Terno Pai! Deus fiel! Deus infinito!
Meu funesto, execrando, e atroz delicto!

Da culpa, enorme culpa, que me opprime,
Amplamente me lava:
Dos meus erros assim purificado,
Não haja em mim, nem sombra do peccado.

A iniquidade minha reconheço,
Sei, que sou criminoso:
Quero esquivar-me á culpa, que me segue,
E em toda a parte a culpa me persegue.

Pequei, mas contra ti pequei somente,
Tu viste o meu delicto:
Confesso-o, para que te justifiques,
E vencedor, dos que te julgaõ, fiques.

Eu fui no horror da culpa concebido,
Gemo afflicto em seus ferros:
Do crime enorme um fructo desgraçado,
Por minha mãi no crime fui gerado.

Porem tu, que a verdade sempre amaste,
A conhecer me deste
Arcanos teus, profunda sapiencia,
Escondidos á humana intelligencia.

Co' o hyssopo, oh! Deus! me aspergerás clemente!
Limpo serei de todo:
Lavar-me-has, e, cheio de candura,
Brilharei muito mais, que a neve pura.

Darás ao meu ouvido inda algum dia,
Gôzo, e prazer suave,
Em cinza lutulenta, em pó tornados,
Exultaráõ meus ossos humilhados.

Aparta pois, aparta dos meus crimes
O teu rosto piedoso,
E uzando assim comigo de bondade,
" Delida fique a minha iniquidade"

Sem mancha, um coração, candido, e simples,
Cria, oh! Deus! em meu peito!
E essa vóz int'rior, que o mal reprova,
Esse espirito justo, em mim renova.

Não me affastes jámais, jámais me lances
Da face compassiva:
Não retires de mim, oh! Deus augusto!
Teu Espirito amavel, santo, e justo.

Concede-me o prazer, dá-me alegria
Com a tua assistencia,
E minha alma, que em ti se esteia, e firma,
No principal espirito confirma.

Ensinarei solícito aos perversos
Teus direitos caminhos,
E á luz, á Graça tua, hão de mover-se,
Hão de a ti, mesmo os impios, converter-se.

Deus! oh! Deus salvador! não mais permittas,
Que verta o sangue humano!
Grata, á Justiça tua, modulados,
Soltará minha lingua hymnos sagrados.

Meus labios abrirás. mil sons cadentes,
Hiráõ levar aos Póvos,
Teu sublime louvor, que o pasmo excite,
E pare, aonde o mundo houver limite.

Se acaso sacrificios tu quizesses,
Fiel t'os offerecera :
Mas eu sei, que não devem agradar-te :
Não podem holocaustos deleitar-te.

He á Deus oblação justa, e perfeita,
Um peito penitente :
Nunca, Senhor! por ti foi desprezado
Contricto um coração, terno, humilhado.

Trata emfim com brandura, e suavidade
A Sião, que te invoca :
Seus destinos assim tendo seguros,
Possa Jerusalem erguer seus muros.

Então receberás um sacrificio
De solemne justiça,
Oblações, holocaustos sumptuosos,
E no Altar os novilhos mais mimosos.

PARAPHRASE TERCEIRA.

TERCEIRA PARAPHRASE.

Piedade! oh! meu Deus!
De mim compaixaõ,
Segundo a extensaõ
Do teu grande amor!
E segundo as graças,
Os dons, que dispensas,
As glorias immensas,
De que és o Senhor;

Tu me purifica,
Ser immaculado!
Destroe o peccado,
Com que te offendi.
Do crime horroroso,
Que tanto te aggrava,
Mais, e mais me lava,
Sei, que delinqui.

Torna-me sem mancha,
Senhor infinito!
Do negro delicto,
Que excita meus ais.
Tremendo, conheço
Minha iniquidade,
Sei quanta maldade
Fiz entre os mortaes.

Ou tímido fuja,
Ou volte a buscar-te,
Sempre, em qualquer parte,
Meu delicto está!
Pequei contra ti,
Mesmo aos olhos teus,
Tu viste, oh! meu Deus!
De mim, que será!

Confesso, que existo
No peccado incurso,
Sei, que o teu discurso
Verdades contem.
Digo quanto és recto
Nas tuas sentenças,
Para que tu venças,
Julgando-te alguem.

Eu fui concebido
Na dor, e no estrago,
Que o terrivel drago
No mundo espalhou.
Envolta nos males
Da culpa affrontosa,
A mãe criminosa
No mal me gerou.

Amaste a verdade,
Dos Céos lume augusto,
Por isso o que he justo
Nos fazes sentir.
Entaõ teu saber,
Occulto aos humanos,
Mysterios, arcanos,
Fizeste-me ouvir.

Co' o hyssopo saudavel
Farás aspersaõ,
Limpo, desde entaõ,
Por ti me verei.
Mais puro, e brilhante,
Do que a neve pura,
Alvor, e candura,
De todo serei.

Ha de o meu ouvido
Teus sons acolher,
E hum doce prazer
Entaõ lhe has de dar.
Escutando alegres
Accentos bemdictos,
Meus ossos afflictos
Teraõ de exultar.

Aparta os teus olhos
Das minhas offenças,
E culpas immensas
Destroe de huma vez.
Dá-me hum coraçaõ,
Taõ casto, e taõ puro,
Que o julgue seguro,
Aquelle que o fez.

Renova a justiça
Em minhas entranhas,
E graças tamanhas
Jámais tenhaõ fim.
Jãmais do teu rosto
Me affastes, Senhor!
O Esp'rito de amor
Não lances de mim.

Ah! dá-me o prazer
Da tua assistencia,
E a minha existencia
Confirma em teus dons.
Direi aos iniquos,
Por exemplos meus,
Que os caminhos teus
Saõ rectos, e bons.

Assim attrahidos,
Por meios diversos,
A ti os perversos
Se hão de converter.
Livra-me, eu te rogo,
De ser delinquente,
De sangue innocente
Na terra verter.

Sim, livra-me, ó Deus!
Deus de salvação!
De luz! de perdão!
Senhor de Israel!
Exultando a lingua,
Sôlta ás prizões suas,
As justiças tuas
Cantará fiel!

Agita meus labios,
Oh! Nume! oh! Senhor!
Teu almo louvor
Farei resoar.
Se algum sacrificio
Quizesses hum dia,
Eu mesmo o traria
Ao teu mesmo Altar.

Mas naõ te deleitaõ
Victimas de sangue:
O novilho exangue
Naõ queres mais ver.
Oppresso, gemendo,
Hum peito magoado,
Contricto, humilhado,
O hirás acolher.

Tracta com ternura
A tua Sião:
Naõ tenha afflicçaõ,
Nem susto, nem dor.
Que veja os seus muros
Fieis circunda-la,
Altivos orna-la,
Dando-lhe esplendor.

Entaõ oblações,
Entaõ holocaustos,
Em dias taõ faustos
Contente verás.
Entaõ de Israel
Os votos ditosos,
Novilhos mimosos
Nas aras terás.

PSALMO CXXIX.

De profundis clamavi ad te Domine, Domine, exaudi vocem meam.

Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.

Si iniquitates observaveris, Domine, Domine quis sustinebit?

Quia apud te propitiatio est: propter legem tuam sustinui te Domine.

Dos abysmos mais profundos
Eu clamei a ti, Senhor!
Ah! naõ deixes, terno Pae!
De escutar o meu clamor.

Teus ouvidos compassivos
Prestem fiel attençaõ
Ao meu rôgo humilde, e justo,
A' minha deprecaçaõ.

Se esquadrinhares os crimes
Daquelle, que te offender,
Senhor! na presença tua
Quem se poderá soster?

Mas tu és todo clemencia,
E eu sempre em ti confiei,
Por causa dos teus preceitos,
Por causa da tua Lei.

Sustinuit anima mea in verbo ejus: speravit anima mea in Domino.

A custodia matutina usque ad noctem, speret Israel in Domino.

Quia apud Dominum misericordia; et cupiosa apud eum redemptio.

Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.

Minha alma crêo na palavra
Do Senhor Deus de Israel:
A minha alma esperou n'elle,
Pois sabe, quanto he fiel.

Desde o clarão matutino,
Que dos Céos rompendo vem,
Até que a noite appareça;
Espere Israel tambem.

Espere, porque elle he justo,
E cheio de compaixão;
Porque só nelle se encontra
Copiosa redempção.

Firmado em tanta bondade,
Israel exultará,
Por ver, que dos seus delictos
Elle mesmo o remirá.

PSALMO CXXXVI.

Super flumina Babylonis, illic sedimus et flevimus : cum recordaremur Sion.

Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus: cum recordaremur Sion.

Em Babylonia,
Onde habitamos,
Nos assentamos
Nas margens tristes,
Que os rios dão,
Ali, chorosos,
Nos lamentámos,
E recordámos,
Posto que em vão,
Da nossa Patria,
Terna Sião.

In salicibus in medio ejus, suspendimus organa nostra.

Pelos salgueiros,
Que descubrimos,
Destribuimos
Os instrumentos,
Cheios de dôr.
Dos ramos pendem,
(Quanto sentimos!)
Nós os ouvimos,
Causando horror,
Soar dos ventos
Pelo estridor.

Quia illic interrogaverunt nos, quia captivos duxerunt nos: verba canticorum.

Então aquelles,
Que nos captivaõ,
Os que nos privaõ
Da liberdade,
Com seus grilhões;
Aquelles mesmos,
Que o pranto avivaõ;
E que motivaõ
Taes afflicções;
São os que pedem
Nossas canções.

Et qui obduxerunt nos: Hymnum cantate nôbis de canticis Sion.

Os que da Patria
Nos desterráraõ,
Ledos clamáraõ:
« Deixai o pranto,
« E erguei a vóz.
« Alguns dos hymnos
« Que aos Céos voáraõ;
« Que retumbáraõ,
« Já entre vós,
« Soltai dos labios,
« E ouçamos nós »

Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?

« Como he possivel
(Lhes respondemos)
« Que os entoemos,
« Entre as angustias
« Que vós nos daes?
« Na terra alheia,
« Onde gememos,
« Como os daremos,
« Soltando ais,
« Ao Deos amigo
« De nossos Pais? »

Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.

Adhærerat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.

Sião! que foste
Nossa ventura!
Se esta ternura,
Que tu me causas,
Se amortecer;
Eu sinta a dextra,
Pouco segura,
Inerte, ou dura,
Se entorpecer;
E a minha lingoa
Sem se mover.

Todo este damno,
Que o mal sublima,
Então me opprima:
Sentindo eu fique
Tão grande mal;
Se tu não fores,
Terna Solima!
(No estranho clima,
Que me he fatal)
Dos meus disvellos
O principal!

Si non proposuero Jerusalem in principio lætitiæ meæ.

Ah! não te esqueça,
Bondade augusta!
A prole injusta
De Edom, pois della
Meu damno sai.
Bradou irada
(Quanto me assusta!)
« Co'a mão robusta
« A esmigalhai,
« Seus fundamentos
« Anniquillai »

Memor esto, Domine, filiorum Edom, in die Jerusalem:

Qui dicunt: Exinanite, exinanite usque ad fundamentum in ea.

PSALMO CXVI.

Laudate Dominum omnes gentes: laudate eum omnes populi.

Laudate Dominum omnes gentes: laudate eum omnes populi.

Nações do mundo!
Vastas Nações!
Dai a Jehova
Ternas canções.

Louvai, oh! Póvos!
Sua memoria!
Do Deos Excelso
Retumbe a gloria.

Quoniam confirmata est super nos misericordia ejus: et veritas ejus manet in æternum.

Piedade sua
Dos Céos baixou,
E sobre os homens
Se confirmou.

Os Céos, e a terra
Podem cahir:
Delle a verdade
Tem de existir.

SYNOPSE.

SYNOPSE

DAS

GRAÇAS POETICAS

DO

PSALMO XVII.

QUE de bellezas que encerra esta parte do Psalmo XVII! Que accumulação de sublimes pensamentos! Que dexteridade de pincel, e que energia de cores!

O Rei Propheta sólta um grito de angustia contra os seus inimigos, e este clamor, semelhante ao rebombo do trovão, penetra o ouvido do immortal! Deos se enche de ira contra os perseguidores do Justo, e de repente a terra se agita em convulsões. Os montes abalados vacillaõ, e ondeiaõ, desde a

profundidade das suas raizes. Caliginosas nuvens de fumo rolaõ em turbilhões pelos ares, e da face de Deos rebenta um fogo devorador, que se revolve em brazas. Subito o Senhor da Natureza faz, que os Céos, escapando do seu ponto fixo, se curvem, e se abataõ, para lhe servirem de assento. As trevas negrejaõ, e vaõ apinhar-se, cheias de submissão, debaixo dos pés do Todo-Poderoso. Elle desce, e os Cherubins são os palafrens, em que monta. Voou, e *voou sobre as azas dos ventos.* Os ventos, por esta magnifica expressão, por esta prosopopeia sublime, tomaõ hum corpo, tem vida, tem movimento, e sostentaõ nas suas rapidas plumas o Deos da creação do Universo, que descança, como em seu coche, sobre os Poderes celestes, e vai registrar essas regiões de Sóes, e percorrer a immensidade do espaço. O pavilhão, que resguarda, e esconde o Ser dos Seres, he huma agoa espessa, e tenebrosa, que se concentrou nas nuvens. As nuvens retalhaõ-se atemorisadas, sentindo-se

feridas pelos occeanos de luz, que rompem, e se derramaõ da face do Archetypo supremo. Ellas começaõ a desatar-se em chuveiros de pedra, e de carvões em braza. O trovão rebôa, e se prolonga immediatamente pela extensão indefinita. O Senhor das vinganças despede settas, multiplica os relampagos, e devasta seus contrarios. Tomadas de sobresalto, e de medo, as agoas recuaõ, e desapparecem de superficie do Globo, e a terra, conturbada, e revolvida por esta scena da estrago, presenta-se despida, e núa aos olhos do Omnipotente. Entaõ se mostraõ descarnados, e medonhos os seios dos abysmos. Observaõ-se as concavidades profundissimas da nascença das agoas, e os interminaveis sorvedouros, em que rolavaõ todas essas torrentes enormes: saõ emfim devassados, e patentes os alicerces, e fundamentos do mundo. Esta destruiçaõ toda, e todo este horror, he o effeito do sôpro impetuoso da ira de Deos!

Que póde agora haver na imaginaçaõ

dos homens, nos seus livros, e nos affoutos delirios das suas mais bellas concepções poeticas, que se compare com a magnificencia, e novidade deste quadro!

IMITAÇÃO DA MAIS BELLA, E SUBLIME PASSAGEM, DO

PSALMO XVII.

Diligam te, Domine, fortitudo mea.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

De angustias rodeado,
Invoquei o Senhor, o Ser dos Seres;
Desprendi minha vóz, bradei-lhe afflicto,
E elle ouvio do seu Templo augusto, e santo,
Meu doloroso grito.
Então (quantos portentos!)
A terra espavorida oscilla, e treme:
Os montes bambaleiaõ
Desde os seus fundamentos;
E, das iras trazendo todo o pèzo,
O Immortal apparece em furia acceso.
Logo ao signal da cholera espantosa
Vacillaõ pelos ares
Mil turbilhões de fumo.
Incendio todo, o rosto sempiterno
De si exhala, e sólta,
Rôxas lingoas de fogo,
E nas iradas faces
Carvões accesos lhe scintillaõ tremulos.
Acenou: de improviso os Céos se abatem,

E parece juntarem-se co' a terra.
Já desce magestoso,
Escorando assombroso
Nas trevas os seus pés omnipotentes.
Rapido então firmou-se
De hum Cherubim nas plumas scintillantes.
Assustados, ao vê-lo,
Em tôrno delle os ventos se apinháraõ,
E, curvos, e tremendo,
As azas estendendo,
Sobre as azas o tomaõ, lá voáraõ.
Lá corre, e lá registra
A immensidade azul, que enfeitaõ globos.
Parou: quiz occultar-se,
Quiz, e foi tudo trevas.
Ei-lo em seu pavilhão de nevoa espessa!
Que silencio profundo!...
Que estranha escuridão! profunda noite!...
Caliginosas nuvens o concentraõ,
Prenhes de mil choveiros:
Mas seu rosto inflammado
Rompe em raios de luz; que os Ceos assom-
Logo ao fulgor sagrado braõ:
De medrosas as nuvens se romperaõ,
Graniso assustador, carvões em braza,
Sobre a terra choveraõ.
Ao mesmo tempo dos trovões o estalo
Já vai de globo em globo retumbando...
He a vóz do Immortal, que está soando!
De pressa, ao escuta-lo,
Borbutões de saraiva se derramaõ,
E retalhaõ as nuvens

Espadanas de fogo.
No meio deste horror despede settas,
Fere a turba dos impios,
Abre, e comprime os Céos, n'um só instante,
Multiplica os relampagos
Sua mão fulminante:
Os perfidos flagella, cauteriza,
Arruina, devasta, polvoriza.
Ao ver estrago tanto,
A terra, em convulsões, nuta em seus eixos,
De terror, e de espanto
Mostra as rôtas entranhas:
As voragens, os seios dos Abysmos,
Se escancáraõ, gemendo.
Nóto as concavidades,
Em que os mares rolavaõ:
As origens das agoas se conhecem,
E do orbe os fundamentos me apparecem.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

PSALMO XVII.

DILIGAM TE DOMINE FORTITUDO MEA.

. . . . . .

. . . . . .

In tribulatione mea invocavi Dominum: Et ad Deum meum clamavi.

Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam: et clamor meus in conspectu ejus intonuit in aures ejus.

Commota est et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt et commota sunt, quoniam iratus est eis.

Ascendit fumus in ira ejus, et ignis à facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.

Inclinavit cælos et descendit: et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super Cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.

Et posuit tenebras latibulum sum, in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris.

Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando et carbones ignis. Et

intonuit de Cælo Dominus et altissimus dedit vocem suam: grando et carbones ignis.

Et misit sagittas suas et dissipavit eos: fulgura multiplicavit et conturbavit eos.

Et apparuerunt fontes aquarum: et revelata sunt fundamenta orbis terrarum.

. . . . . .

. . . . . .

ILLUSTRAÇÕES.

ILLUSTRAÇÕES AO PSALMO

Miserere mei Deus.

NOTA PRIMEIRA.

E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

Et peccatum meum contra me est semper. E tenho sempre o meu peccado diante dos meus olhos. Traducção do Padre Pereira.

Não he pois como entenderaõ alguns (e o mais he, que até o P. Sarmento) *o meu peccado está sempre contra mim.* Neste sentido se exprimio o Padre Manoel Simões Barruncho na sua Paraphrase ao *Miserere,* que se acha na Collecçaõ de Obras Moraes, inserta na sua *Centuria Metrica.* He esta a copla do Barruncho.

Agora já reconheço
Que foi meu mal infinito,
Não só feito contra vós,
Contra mim tambem o sinto.

Francisco Dias Gomes, traduzindo livremente este Psalmo em uma Elegia, que consagra a Paixão de Christo, se lhe não deo a mesma intelligencia do Padre Barruncho, parece não ter desenvolvido o pensamento com a clareza preciza. Tal he a sua versão.

Conheço onde me tem precipitado
O meu delicto máo, que enfurecido,
Sempre contra mim vejo conspirado.

Mas o Desembargador Domingos Maximianno Torres (Alfeno Cyntio) e depois delle o Padre Antonio de Souza Pereira Caldas, e recentemente a Excellentissima Condeça de Oyenhausen, que verteraõ este mavioso, e enternecido Cantico, o entenderaõ neste lugar, como deviaõ. Leamos Alfeno Cyntio nos seus *Ensaios Metricos* sobre a Paraphrase dos Psalmos.

Meu peccado ante mim gyra
Quer no leito, quer na meza.
Ao meu lado sempre está.

O P. Caldas fez duas traducções. Aqui temos a primeira.

E perante os meus olhos trago sempre
A minha iniquidade.

Diz elle na segunda

Sempre trago ante os meus olhos
O que fiz, peccado horrendo.

Resta a Condeça de Oyenhausen. Eila.

O meu peccado sempre tenho a vista.

Assim Lagonegro, Bispo de Ravello, na sua lindissima Paraphrase, que vem no Itinerario Breve.

Conosco, buon Dio,
L'iniquo misfatto,
Che ingrato me ha fatto
A tanta bontá.

Ahi che egli sugli occhi
Me é sempre presente.
. . . . . .
. . . . . .

Tambem o Abbade Metastasio em uma traducção paraphrastica, que se acha no undecimo tomo das suas Poesias, Edição de *Torino* de 1787, posto que empregou a expressão *contra mim*, disse antes : Que por toda a parte, que lançasse as vistas *achava o seu delicto presente.*

Ovunque il guardo giro
Vedomi i falli appresso,
Che contro de me stesso
Tentano d'infierir.

O mesmo se acha na traducção de alguns Psalmos, que vem no tomo decimo das Obras de P. Corneille.

Je ne me trouve en auccuns lieux
Ou d'un se noir forfait l'image ne me tue,
Ft de quelque coté que je porte la vue.
Elle frappe aussitot mes yeux.

O mesmo na exposiçaõ paraphrastica do Psalterio, e dos Canticos do Breviario por José de Valdivielso, que se acha no Hespanhol.

. . . . . .

Que las traygo (las culpas) *de lante de mis ojos.*

Deparei com o Ritual das Orações communs, e Administração dos Sacramentos nas Igrejas reformadas, de Inglaterra, e Irlanda, Edição de Londres 1814. The Book of common prayer, aud Administration of the Sacraments &c. &c. &c., e descobri duas versões do Psalterio, uma em prosa, e outra em verso, sendo feita a ultima por N. Brady, e N. Tate. Acho na traducçaõ em prosa: *o meu peccado está sempre diante de mim.* For J a cknowledge my faults: *aud my sin is ever before me.*

Lê-se nos seus versos: Eu confesso o meu crime, e vejo quanto he grande a minha culpa.

For J confess my crime *aud see*
How great my quilt has been.

Saci traduz do mesmo modo: J'ai toujours mon peché *devant les yeux*. E as Horas, que se imprimiraõ por ordem do Cardeal de Noaille, Arcebispo de Pariz para uzo da sua Diocese, trazem tambem: Mon peché m'est *toujours present*. O litteratissimo Pompeo Sarnelle, Bispo de Biseglia, explicando, no terceiro tomo das suas *Cartas Ecclesiasticas* as diversas frases, e idiotismos das linguas, Hebraica, e Grega, assim se exprimio na Carta 14 « Tratemos de outros differentes modos de fallar, como no Psalmo 50. *Pcccatum meum contra me est semper*. Isto naõ quer dizer, o meu peccado me he contrario, porem sim está diante dos meus olhos.. » Ma veniamo altri modi dedire. PS. 50. *Peccatum meum contra me est semper. Non dice il mio peccato mi é contrario; ma vuol dire mi é semper agli occhi.*

Escutemos o Cardeal Hugo « *O meu peccado me está sempre presente*: isto he (diz elle) por sua consciencia aguilhoada pelo remorso » Peccatum meum contra me est semper, id est, in consti-

entia remordente. Que he o mesmo, que dizer : *Pela presença do meu crime.*

Talvez bastasse João Lorino, que se explica na materia por uma grande affluencia de expressões synonymicas « *O meu delicto* (escreveo elle) *me está sempre presente ;* e esta lição (continua Lorino) foi abraçada por Agostinho, e por Innocencio, Autor das *Questões* d'um, e d'outro Testamento. Paraphraste o interpretou, e lêo tambem assim : *A minha vista,* isto he, *gyra diante dos meus olhos, tenho-o diante de mim, elle me he presente, não o posso esquecer, eu o trago á memoria, revolvo-o no pensamento, recordo-o sem cessar, elle se me faz encontradiço,* e ultimamente fixou se, e permaneceo defronte do meu rosto « *Delictum meum coram me est semper, quam lectionem sequitur Augustinus, et Innocentius, auctor quœstionum utriusque Testamenti. Paraphraste quoque legit in conspectu meo. . . id est versatur in oculis, gesto illud ante me, mihi præsens est, non depono memoriam illius, recolo, recordor, recogito, objecit*

mihi . . . statuit illud contra faciem.

Bonon diz o mesmo, e accrescenta = Sic enim accipitur *coram.* pro *contra* = Dizem o mesmo Le Blanc, e innumeraveis, não omittindo o Arcebispo de Firenza (Martini) que se exprimio deste modo: *El mio peccato me stá sempre davanti* Traducç. des Psal. tom. 13.

Por ultimo o Abbade Soinnet na sua moderna traducção da Biblia, cuja edicção he de 1839 exprime-se deste modo em suas notas ao Psalmo L. David (disse elle) presenta, como um motivo, para alcançar o perdão, que implora, a mesma confissão, que faz do seu crime — Peccatum meum contra me est semper — Eu jámais o esqueço (amplifica o Abbade Soinnet) sinto continuamente a confusão, que me causa semelhante delicto, e julgo, que o meio de o fazer esquecer he recordar-me constantemente delle, e supplicar-vos, que mo perdoeis — Si tu ponis illud ante te, Deus illud non ponit ante se — Disse S. Jeronimo . . . *Mi maldad. . . . se me presenta tal, qual es horribile y abominabile.* O P. Scio.

NOTA SEGUNDA.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles, que te julgaõ,
Victorioso sahires.

Ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris. Quer dizer, segundo a traducção do P. Pereira: *Para que tu sejas reconhecido justo nas tuas palavras, e saias victorioso nos juizos, que se farão de ti.* E pela do Sarmento (que parece ser a mesma cousa). *Assim o confesso, Senhor, para que sejaes reconhecido justo nas vossas palavras, e fiqueis vencedor nos juizos, que contra vós se fazem.*

Não se aproxima tanto ao texto, como deveria o P. Barruncho:

Foi pois em vossa presença
O peccado commetido,
Serão bem justificados
Os vossos altos juizos.

Francisco Dias Gomes omittio esta passagem, e Domingos Maximiano he tão espraiado, tão redundante, tão demaziadamente paraphrastico em quasi toda esta lucubração, que as vezes mal se lhe póde apanhar o sentido do texto. Uma imitação não seria mais livre. Elle não deixa entrever n'esta passagem, que Deus será julgado por aquelles, que desconfiando da sua justiça, ouzarem censura-lo, e chamar suas acções á discussão, e ao juizo, que houverem de fazer delle, sendo esta a verdadeira intelligencia: limita-se unicamente á resignação do Propheta Rei com a sentença, que Deus, como Juiz, lhe quizer exarar.

Pequei sim, pequei, mas pende
De ti só a minha sorte,
Dá-me a vida, ou dá-me a morte
Já que és Juiz, e Rei.
De ti justo, e omnipotente,
Para quem appellar posso?
Se me julgas delinquente,
Teu Decreto adorarei.

O Padre Caldas nas duas versões, que fez d'este lugar, deixou-se ir pela mesma vereda, e na segunda não só se apoderou do pensamento do Dezembargador Torres, mas tambem das palavras, e até o imitou na mesma metrificação lyrica, postoque seja constantemente longa a terceira syllaba em cada um dos versos de Alfeno Cyntio, em toda a sua composição, a maneira das Cançonetas de Metastasio, e de outros Poetas Italianos, prizaõ á que se naõ quiz dar o P. Caldas. Disse este na primeira traducção:

..... Mas para que tua palavra
Seja justificada,
Quando em tremendo juizo os meus delictos
Se julgarem, vencendo tua justiça,
Valer-me-ha tua piedade.

Disse na segunda:

Eu pequei, de ti sómente
Pende toda a minha sorte,

Dá-me a vida, ou dá-me a morte,
Podes tudo, meu Senhor.

Fiz o mal, e tu me vias;
Com justiça convencer-me
Poderás, e sumetter-me
Do teu juizo ao rigor.

Ainda repete o mesmo em duas variantes. Lê-se em uma:

Para que sempre justo os teus discursos
Testemunhes, e venças ao lavrar-se
A funesta sentença.

Acha-se na outra variante:

Na tua presença
O mal eu fiz: mas quando o meu delicto
Houver de ser julgado,
Vencendo tua justiça, tu piedoso
Me serás. . . . . .

He muito para sentir, que a Senhora Condeça de Oyenhausen, que entre os Traductores Poetas da Naçaõ Portugue-

za, de que tenho noticia, que paraphraseassem os Psalmos, he no meu imperfeito modo de ajuizar, a que o fez de maneira mais poetica, mais accommodada á letra, e em versos mais doces e harmoniosos, se apartasse nesta sua tão bella traducção do trilho commum dos Interpretes. Ahi temos os versos da correcta, e sonorosa Alcipe:

Para justificar tuas Sentenças,
Teus sagrados oraculos, confesso,
Quantas fiz contra ti crueis offensas,
E quando me julgares,
Verão justa a vingança, que tomares.

Laganegro he aqui assás arredado da letra, o que bem se collige da passagem seguinte:

Evinci osservando
Tue belle promesse,
Amirasi in esse
Lá tua veritá.

Nada porém he taõ conforme ao se-

tido do Propheta Psalmista, segundo os Expositores, como a já mencionada versão ingleza em prosa. Assim se exprimio o Traductor: *Para que tu possas ser justificado em tuas palavras, e sem culpa, quando fores julgado.* Thathou inigh test be justified in thy sayng aud clear when thou art judged.

Esta exacção já naõ se descobre nos versos: *Ainda que eu seja condemnado* (disse o Traductor Poeta) *devo confessar a exactidão do teu juizo.*

And tho comdemned
Must own thy judgments right.

Affin che tu sii justificato nelle tue parole, e riportati vittoria, quando sé chiamato in gudizio. MARTINI.

He fóra de duvida, que na versão Latina, que S. Jeronymo fez do Hebraico, em logar de *vincas cum judicaris* (como se lê na Vulgata Hodierna, correcta, e emendada por elle mesmo, e na versão antiga, recebida antes d'elle), se acha. *Et vinças cum judiçaveris*: mas

que importa? Sabatier, que traz estas trez versões; cita nas notas, que faz a este versiculo, S. Jeronymo mesmo, que o entendeo deste modo: *Et vincas cum fueris judicatus*: sendo digno de attenção o que já se ponderou acima: que corrigindo S. Jeronymo a Vulgata, conservasse n'ella a lição — *Ut vincas cum judicaveris* — Do parecer do Maximo Doutor he a torrente dos interpretes.

Vejamos, como delucida este ponto o Carmelita Bonon « Rogo-te pois (he « David, que assim falla com Deos, « conforme o pensamento de Bonon) « que venças, mesmo quando és julga- « do. Como se lhe dicesse: Os homens « naõ te julgaõ fiel, e verdadeiro, cum- « pre por tanto as tuas promessas, pa- « ra que triunfes do máo conceito, que « elles fazem de ti, e pelo qual se ani- « maõ a julgar-te. » *Et si rogo ut vincas cum judicaris, quasi dicat. Tu judicaris ab hominibus non verax, ergo imple promissa, ut opinionem hominum vincas, qua te judicant.*

Sebastiaõ Gomes de Figueiredo disse no seu livro *Explicatio Psalmi quinquagesimi Miserere* . . . . . Donde resulta (falla tambem David) que se tu perdoares este crime, e preencheres as tuas promessas, serás reconhecido justo, e sahirás vencedor, quando alguem ponderar as tuas obras, e pezar tuas acções . . . . . *Unde fiet si mihi, hanc iniquitatem condonaveris, et promissa servaveris, justus habearis in promissis tuis, et vincas, cum quis facta tua expenderit.*

Depois destas interpretações, e de muitas outras, que concordaõ com esta, naõ devo passar em silencio, que o P. Paulo Seneri assim se exprime, pela versão Hespanhola ,, Para que te justifiques (diz elle) em todas as tuas palavras, e venças, quando julgares: trazendo a margem: *Et vincas cum judicaveris.* Assim se aparta o P. Seneri de tantos Expositores insignes.

Pelas razões expendidas disse eu:

Para nas tuas palavras
Justificado existires,

E d'aquelles, que te julgaõ
Victorioso sahires.

Só os impios podem julgar mal de Deos, chama-lo a juizo, e argui-lo de injusto.

Seja qual for a sentença, que vós proferirdes contra mim (disse, e commentou o Abbade Soinnet) eu a mereço, e naõ poderei deichar de confessar vossa justiça, nos castigos, com que me houverdes de punir. *Contra vos solo pequé, y en voestra presencia cometi la maldad: perdonamela. Dios mio, para que seais reconocido fiel in vuestras palabras. y para tapar la boca a los que pertenden acusaros de poco fiel en vuestras promessas.* O P. Scio.

NOTA TERCEIRA.

Deos, ó Deos, meu Salvador,
Tu de homicidios me exime.

Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meæ. Livra-me das minhas ac-

ções sanguinolentas. Sarmento. "Livra-me dos sangues ,, Diz Pereira, citando na nota Bossuet, que entendeo pelos sangues *os homicidios, que commettera David*, expondo de vontade deliberada muitas pessoas com Urias a uma morte inevitavel, postoque ahi mesmo transcreva o parecer do Bispo de Hiponia, que tomou pelos sangues a corrupçaõ, que se contrahe na nossa conceiçaõ. Todavia os Expositores, que consultei, vaõ todos de accordo, que David falla d'aquelles homicidios a que deo origem o seu consorcio impudico havido com Bethsabea. *Liberami dal reato de sangue.* Martini. *Libera me dalla carnal malizia.* Dante.

Livrai-me (disse Soinnet) *do castigo de que me tornei credor, porque derramei injustamente o sangue de Urias.* O sangue (accrescenta Soinnet) em alguns logares da Escriptura toma-se pelo castigo daquelle, que o derrama. Exord. cap. 22. v. 2 e 3. Deuter. cap. 12 v. 8. Reo suy de muchas muertes injustas, que por mi órden si cometieron : mas perdona-

me, Dios y Salvador mio, la pena que por eso merezco. O P. Scio.

De inimigos livrai-me enfurecidos,
Deos, Deos da minha bemaventurança.

Assim o escreveo o Illustre Socio da Academia Real das Sciencias em Lisboa, o Traductor dos Canticos de Moysés, de Daniel, e Zacharias. Mas elle mesmo confessa em uma das suas interessantes notas: Que fizera uma imitaçaõ, e que tomou para o seu assumpto, o que era mais analogo a contricçaõ de um peccador da Lei da Graça: tendo dito antes: Que era esta peça, o Miserere, mais dificil de traduzir-se, e imitar-se com belleza, e dignidade, que tinha encontrado. Accrescentando depois: *Que nunca vira este Psalmo bem traduzido regularmente.* Parece, que elle tinha razão.

Alem dos Poetas, que tenho citado, e que sei, paraphrasiassem os Psalmos, devo memorar Joaõ Baptista Rousseau, postoque naõ vem a traducçaõ do *Mi-*

serere nas suas Odes sacras : li tambem Saverio Mattei, mas naõ o tenho a mão, para o citar. José Maria Dantas, que tambem traduzio alguns Psalmos, naõ traduzio o Miserere. Eis quanto pude colher, para abonar a traducção paraphrastica, que submetto ao juizo dos entendedores.

I5L

17567